

A VISÃO DA MULHER NA ANTROPOLOGIA: MITOS DA CRIAÇÃO E CRENÇAS EM RELAÇÃO À GRAVIDEZ

Aldora Monteiro
 António Ribeiro
 Emília Costa
 Idalina Pereira
 Isabel Cruz
 Paulo Cruz

INTRODUÇÃO

Muitos são os mitos que fazem parte das nossas vidas, da nossa forma de estar, de pensar e de agir, e, nos influenciam de forma mais ou menos marcada, dependendo do modo como são assumidos e interiorizados na cultura de onde provêm os nossos valores e referências, pois eles fazem parte integrante desse padrão cultural.

Para Mircea Eliade “ o mito conta uma história sagrada; relata um acontecimento que teve lugar num tempo primordial, o tempo fabuloso dos começos. (...), conta como graças aos feitos dos seres sobrenaturais, uma realidade veio à existência (...).

O mito é então um elemento essencial da civilização humana; longe de ser apenas uma vã fabulação, é pelo contrário uma realidade viva, à qual não cessamos de recorrer, não uma teoria abstracta ou um desenrolar de imagens, mas uma verdadeira codificação da religião primitiva e da sabedoria prática.

Também a criação do homem, emerge de histórias mitológicas diversas relatadas e mantidas ao longo dos séculos em escritos longos, que ainda hoje prevalecem e sobressaem.

Pretendemos ao longo deste trabalho fazer algumas abordagens dos mitos da criação do homem, relacionando-os com a ideologia ainda actual, que a mulher é um ser submisso ou inferior ao homem, e relacionar o facto com o/os mitos que sustentam esta forma de olhar a mulher.

Os mitos e crenças relacionadas com a gravidez são também alvo de uma abordagem breve neste trabalho.

MITOS DA CRIAÇÃO

As bases ideológicas que situam a mulher como inferior e submissa vêm de muito longe, desde os mitos da criação, sendo que na igreja cristã temos o Mito de Eva.

Também na mitologia grega, já o Mito de Pandora apresentava uma identidade negativa para a mulher. Pandora, a primeira mulher, instrumento de vingança de Zeus, sendo portadora de uma caixa onde se concentram todos os males que assolam a humanidade.

Na igreja cristã Eva foi feita a partir de uma costela de Adão para que o homem não ficasse sozinho. No entanto, ela simboliza a tentação, o pecado da carne, o desejo de sexo, responsável pela perda do paraíso terrestre.

Em contrapartida, a igreja constrói uma outra identidade feminina mítica, a Virgem Maria – Mãe de Cristo, Mãe da Igreja, Mãe dos pobres e infelizes.

As mulheres irão alcançar a salvação ao acatar o ideal de feminilidade de Maria tendo apenas a função de procriar, o lugar da maternidade o lugar de Mãe.

O lugar mítico da Virgem Maria reinsere a mulher na maternidade, construindo o consenso do instinto maternal.

O ideal de Maria é a maternidade imaculada ou a des-sexualização do corpo feminino.

Podemos destacar então dois modelos que ao longo do tempo, vêm enquadrando a percepção social das mulheres. Estes modelos são representados por duas mulheres centrais na tradição católica, Eva e Maria, que possuem características antagónicas.

Santo Irineu refere em relação a estas duas personagens:

“ A desobediência de Eva foi a causa da morte para ela própria e para toda a humanidade. Apesar de Maria também ter tido um marido escolhido para si, sendo apesar disso virgem, pela sua obediência ela foi a causa da salvação para si própria e para toda a humanidade (...) O nó da desobediência de Eva foi desatado pela obediência de Maria “

(Citado por SOWYER, 1992, p.281)

Apesar da visão negativa de Eva estar no centro do cristianismo, existe uma certa ambiguidade em relação ao seu pecado. Tal como Maria, Eva pode ser considerada fundamental para assegurar o trabalho de redentor de Cristo. O cristianismo reconhece uma ligação entre as duas mulheres no que diz respeito ao próprio nascimento de

Cristo, no sentido em que as repercussões do acto de desobediência de Eva são redimidas pelo acto de outra mulher – Maria. A obediência desta vai originar a redenção do mundo.

A narração relativa a Adão e Eva representa as origens do pecado, que é visto como um mau uso da liberdade humana, enquanto que a graça e a virtude espelham o poder de resistir ao pecado. Maria redime Eva através da sua obediência e através desta redimirá a salvação do mundo.

No entanto, Maria foi exemplo único do seu tipo, pois, todas as outras mulheres são consideradas filhas de Eva, tendo Maria um estatuto singularizado. Inevitavelmente, as mulheres são identificadas com Eva, uma vez que a Mãe de Cristo, devido à sua natureza imaculada (dar à luz uma criança continuando virgem) se afasta da experiência das mulheres, daquilo com que podem ser identificadas.

Assim, poderemos apontar Eva como aquilo que a igreja define que a mulher é, e Maria como um modelo de virtude que a mulher deveria ser. A essência feminina está então ligada à primeira mulher, aos Mitos da Criação, e do pecado original.

A história da Criação aparece ao longo do cristianismo como justificadora da submissão da mulher face ao homem.

O Génesis mostra duas versões da criação de Eva. Na primeira, homem e mulher são criados como iguais, a partir do pó. Na segunda, Adão é criado em primeiro lugar surgindo a mulher de uma sua costela.

É esta segunda versão em que o ser feminino é gerado a partir do masculino, que confere à mulher um carácter imperfeito e uma tendência natural para pecar.

Os inquisidores KRAMER e SPRENGER, em 1486 defendem esta perspectiva:

“(…) ouve um defeito na formação da primeira mulher, uma vez que ela nasceu de uma costela dobrada (…) a partir deste defeito ela é um animal imperfeito, ela engana sempre “

(Citado por TSEELON, 1995, p.35).

Convém referir que não é consensual, que o ser a partir do qual foi criado a mulher, fosse realmente do sexo masculino. Algumas análises mostram que o homem, enquanto masculino, só surge depois da diferenciação sexual, ou seja, depois da criação de Eva. Neste caso Eva teria a primazia sobre Adão. Como refere M. BAL, 1987, p.118: *“Um casal foi formado a partir da separação da unidade “*. (Unidade como ser sexualmente indiferenciado).

Assim as duas histórias não seriam contraditórias. Na primeira o ser criado à imagem de Deus seria homem e mulher – *“Ele criou homem e mulher “* (Gén. 2: 27) – e na segunda, surgiria a necessária diferenciação sexual.

A adopção da segunda versão é justificada pelo facto de após terem criado o homem e mulher como iguais, os autores da Bíblia terem verificado, que na sociedade, não existiria tal igualdade (M. BAL, 1987).

No entanto, ainda admitindo que, na 2ª História da Criação, a mulher só surge depois do homem, isto significa que possam ser tiradas conclusões em relação à sua natureza imperfeita. Poderemos argumentar por exemplo que apesar de a mulher ter sido criada depois do homem ela não foi criada do pó (como Adão) mas a partir de uma substância mais rica; carne e osso.

Outra ideia que tem passado ao longo dos tempos é a de que Eva não seria muito inteligente e teria sido enganada pela serpente, *“Não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher é que, enganada, ovacionou a transgressão “* (1 Tim. 2:14)

De facto é com a mulher que a serpente conversa e é ela que supostamente se deixa seduzir, provocando a Queda Original, o que leva à associação mulher / estupidez.

No entanto podemos ver uma manifestação de inteligência feminina e estupidez masculina. Em Génesis 3:1, a 1ª referência é a de Serpente como *“(…) o mais astuto dos animais (...)”*. “ admitindo que a mulher se deixa enganar, teremos que ter em consideração a astúcia do enganador.

Por outro lado, reparando no diálogo entre Eva e a serpente (Gén. 3: 1-6) e na estratégia desta última para a enganar, conclui-se que Eva não seria desprovida de inteligência caso contrário a abordagem por parte do animal seria bem mais simples. Pelo contrário, no caso de Adão não é preciso qualquer estratégia para o levar a pecar, ele, simplesmente come o fruto *“(…) deu dele a seu marido, que estava junto dela, e ele também comeu “*. (Gén. 3:6)

De qualquer forma a ordem da criação e a queda original funcionam de modo a fundar bases de hierarquização sexual que se reflecte nas relações sociais.

MARIA / MULHER

Como já referimos, o Cristianismo tem dois tipos para representar o Universo feminino, Eva e Maria. Enquanto todas as mulheres são identificadas com Eva e percebidas como suas filhas pecadoras, Maria eleva-se a um estatuto de perfeição inatingível, sendo considerada o único exemplo do seu tipo.

Um dos aspectos mais relevantes da relação entre as duas figuras é a questão obediência/desobediência representada por dois momentos; o discurso da Serpente (Gén. 3: 2-5) e a anunciação do Anjo Gabriel (Luc. 1: 26-28).

Centrando-nos em Maria, verificamos que ela acredita não na serpente tentadora mas no mensageiro Celeste. Ela colabora livremente, pela fé e obediência, na salvação dos homens, através da sua função de Mãe do Criador,

pois *Maria disse: Eis aqui a escrava do Senhor e o meu espírito exalta de alegria em Deus meu Salvador* “ (Lucas 1: 46-47).

Através de Maria, a igreja explora a possibilidade da mulher sair da sua condição pecaminosa descendente de Eva. Esta possibilidade é dada através de um modelo idealizado em que figura: a mulher como mãe, como esposa e como virgem, realçando a maternidade e a virgindade. A relevância destas duas, características está bem presente no modo como é nomeada a figura de Maria “*Mãe de Jesus* “ e “*Virgem Maria* “ .

As questões da maternidade e procriação assumem em Maria particular significado, o que leva a consequências práticas para as próprias mulheres no que diz respeito aos seus papéis no lar e na sociedade.

O discurso da igreja católica apresenta Maria realçando a possibilidade da maternidade e determinando assim, quais os papéis socialmente desejáveis: mãe e esposa. O papel social da mulher identifica-se pois, com a maternidade o que a remete para o domínio do lar e do privado por oposição ao homem que se situa na esfera pública. Esta perspectiva é ainda visível nas sociedades contemporâneas no que respeita à distribuição de papéis sociais. Mesmo a aparente conquista do mercado de trabalho e a emancipação feminina (saída para o domínio publico) podem ser vistas como idealizações do papel de mãe. Certos traços do padrão feminino ideal estão ligados à maternidade: doçura, cooperação, candura, etc. Assim, a maternidade (encarnada por Maria) assume-se como forma de permitir a salvação do sexo feminino e de o redimir do pecado da sua mãe Eva, desde que o comportamento das mulheres permaneça dentro de outros parâmetros de perfeição como podemos ver na 1ª carta de Timóteo: “*Contudo salvar-se-á, tornando-se mãe, uma vez que permaneça na fé, na caridade e na santidade* “ (Tim. 2: 15).

Se conforme já foi referido relativamente à maternidade, é permitido à mulher aproximar-se da natureza perfeita de Maria, no que diz respeito à virgindade, a aproximação é impossível, uma vez que para a mulher é impossível ser mãe e virgem ao mesmo tempo.

A virgindade é um dos traços mais marcantes de Maria, é postulada em paralelo com a castidade. Ambas são definidas como qualidades fundamentais da mulher na Teologia Cristã, a virgindade não é apenas a abstinência sexual, mas também a castidade da alma e do espírito, desejo, pensamentos, discurso e aparência. Numerosos textos católicos referem não só a pureza espiritual feminina mas a visibilidade dessa pureza, o modo como a castidade da mulher é percebida pelos outros.

A virgindade de Maria é também analisada como forma de salvaguardar a condição divina de Jesus. Cristo apesar de ser em parte humano, porque nascido de uma mulher, teria que vir ao mundo sem pecado. A virgindade é então o mediador entre o humano e o divino. Uma passagem da Bíblia permite que se esclareçam estes dois aspectos: a virgindade de Maria, imaculada sem pecado, e a concepção de Jesus conseguida através do Espírito Santo que substitui o sêmen masculino. “*Maria disse ao Anjo: - Como será isso, se eu não conheço homem? O Anjo respondeu-lhe – O Espírito Santo virá sobre ti* “ (Lucas 1: 34-35).

No entanto apesar de como já foi referido, Maria funcionou como protótipo para a generalidade das mulheres, o carácter excepcional que tem acaba por afastá-la destas.

A simultaneidade da virgindade e maternidade não pode realizar-se na realidade em outra qualquer mulher pelo que, o ideal de mulher apresentada pela igreja católica está longe de se concretizar. Podemos então concluir que “*(...) as mulheres são identificadas com Eva, uma vez que a natureza imaculada de Maria, que inclui dar à luz uma criança permanecendo (virgo intacta) excluem-na da experiência daquelas* “ (SHAWYER 1992, pag. 282-283).

CRENÇAS EM RELAÇÃO À GRAVIDEZ

Mas, não só as crenças de outrora (escritos da bíblia ou outros) têm chegado até nós.

Existe um sem número de ideias ou histórias, sem qualquer valor cientificamente provado (crenças) relacionadas com a criação, mas, aplicadas mais directamente à fase da gravidez.

Pensamos que seja talvez devido ao facto de, a formação de um novo Ser ter contornos tão complexos, que apenas a ciência consegue explicar, e não na totalidade.

Estas crenças constituem sem dúvida, explicações simples e compreensíveis de processos e factos primordiais, como seja a gravidez, enquanto constituição, diferenciação e crescimento do um novo Ser.

Ao longo dos anos vão-se ouvindo histórias, relatos de vivências, que vão passando ao longo das gerações e vão construindo a representação da gravidez podendo ou não coincidir com a percepção da grávida.

Passamos a transcrever algumas, relatadas por COUTO, 1994 na sua Dissertação de Mestrado, sem pretensão de fazer uma abordagem exhaustiva e tendo consciência de que não seria possível abordá-las todas, dada a sua infindável quantidade.

“São essas histórias que, nessa altura, a gente até acredita, que nos metem muito medo. Passam de pais para filhos e as histórias ficam e as pessoas acreditam.”

(Grávida de 26 anos)

Esta representação poderá em função das vivências traduzir-se em estados de satisfação, felicidade, orgulho:

“A gravidez, para mim, é a coisa mais bonita do mundo!... É a altura em que a mulher se sente mais feliz...”

(Grávida de 25 anos 1ª gravidez)

Ou também de dor:

‘Já estou bem sacrificada. Derramei muitas lágrimas a criar os meus filhos e a trabalhar no campo.’

Juntando-se a estes, outros relatos surgem, baseados em crenças que levam a determinados comportamentos, rituais, receios, medos e angústias. Poderia pensar-se que estas crenças seriam assunto do passado, mas verifica-se, através das vivências das nossas maternidades, que elas continuam, talvez, devido não só ao pouco tempo e disponibilidade que por vezes se lhes dedica, como também à conduta que para a educação das crianças lhes atribui.

Verifica-se então que estas, levam a medos e angústias que acompanham a grávida até ao parto, sem que as consiga exteriorizar verbalmente, mas denotando-as essencialmente em comportamentos.

Dos relatos que no dia a dia vamos ouvindo e dos conhecimentos que os nossos precedentes nos vão transmitindo, bem como das pesquisas que se vão realizando, como a de COUTO e outros, ficam-nos crenças que podemos salientar.

Relativas ao sexo do bebé

Sabemos que o sexo do bebé começa desde cedo a ser idealizado pela grávida, devido a influências familiares, sociais e culturais. A sua preferência, embora por vezes não verbalizada, pode ser por uma menina que ficará mais perto da mãe, ou por um menino em função de um modelo familiar tradicional em que o filho assumirá o papel protector da família.

Acredita-se também que, por exemplo, comendo produtos picantes levará ao aparecimento de um rapaz, ou comprar tudo cor-de-rosa, converterá a criança que está dentro da barriga numa menina. (ROSENDO 1992)

Já num papiro do Egipto de 2200 a.C. se relaciona o aspecto da mulher grávida com o sexo do feto (MATOS 1993).

Perménides de Eleia, filósofo grego de 540 – 450 a.C. já considerava que, à direita do ventre se desenvolviam os rapazes, à esquerda as raparigas.

Hipócrates – 377 a.C. sustentava que o rapaz se mexe mais cedo que a rapariga (BARBAUT 1991).

Anaxágoras – 500 – 425 a.C. preconizava que se o casal tivesse relações com o marido voltado para o lado direito e a mulher permanecesse também deitada para o lado direito após a relação, a fertilização ocorreria por fusão de humores vindos do testículo direito e do lado direito da mulher e, nesse caso, a criança seria sem dúvida um rapaz. Esta crença levou a que nobres franceses fizessem hemicastração, removendo o testículo esquerdo, a fim de que gerassem apenas herdeiros do sexo masculino (MATOS1993).

Noutros casos os médicos aconselhavam os homens a atarem o testículo esquerdo tanto quanto pudessem aguentar (BARBAUT 1991).

Também na nossa realidade actual encontramos este tipo de crenças. Na zona de Guimarães diz-se que: se a mulher quer ter um filho ou uma filha à sua escolha, é só encomendar-se a Santa Margarida do Castelo. Diz-se também que as mulheres grávidas atiram três pedrinhas a uma fresta da parede da igreja, sobre a porta travessa, lado sul; se alguma dessas pedrinhas acerta e passa pela fresta, o que vai nascer será rapaz se não, será rapariga.

Crê-se ainda noutras regiões, que quando uma grávida quer saber se vai ter um rapaz ou uma rapariga, deita uma espinha inteira de sardinha grande para o lume. Se esta torcer é rapariga, se ficar direita é rapaz. Ou ainda, quando os pais querem que nasça um rapaz devem, no acto do cópula, ter a janela do quarto fechada, abrindo-a se desejam uma rapariga.

Acredita-se também que queimando uma folha de oliveira se esta estalar será rapaz, se esta arder será rapariga.

Também a forma da barriga terá influência no sexo do bebé. Se for oval será rapariga, se for disfarçada será rapaz. Encontram-se para este facto referências contraditórias.

Outro critério usado frequentemente é o aspecto da cara da grávida, ter ou não cara bonita, ter ou não manchas (pano). Também aqui se encontram opiniões opostas.

Outra prática frequentemente observada é maneira como a grávida mostra as mãos quando lhe perguntam o que tem nelas ou pedem para as mostrarem; se a grávida mostra as mãos com a palma para cima vai ter uma menina, se as mostra com a palma para baixo vai ter um menino.

Outra prática é a de movimentos pendulares de uma agulha suspensa por uma linha sobre a mão da grávida. Se os movimentos forem circulares significam uma menina, se forem rectilíneos significam um menino.

Já na Idade Média se referencia esta prática (BARBAUT, 1991).

Relativas a hábitos alimentares

Nestas crenças parece haver lugar de destaque para os peixes, dos quais os que mais preocupam as grávidas são: a raia, o polvo e o marisco. A ingestão dos primeiros por causa de terem ovulação e menstruação parecendo haver uma analogia entre o liquido que o polvo liberta ao ser perseguido e o fluxo menstrual.

Ao polvo e às lulas, são ainda atribuídas propriedades abortivas, nos primeiros meses de gravidez. Acredita-se ainda que o polvo e a raia fazem crescer a barriga às raparigas solteiras que os comem, traduzindo uma explicação para as que engravidam antes de casar.

Outra preocupação das grávidas é a possibilidade de nascer um bicho traduzida por pequenas histórias de pessoas vizinhas, relatadas na Dissertação de Mestrado de COUTO 1994.

“Passou-se com a sogra da minha vizinha, quando ela teve o bebé, nasceu um bicho, debaixo do bebé, por causa de ter comido polvo ou raia. A partir daí, fiquei com medo!..”

(Grávida de 22 anos, 1ª gravidez)

“Eu acredito porque, quando foi da minha filha, estava uma senhora ao meu lado que disse ter tido um aborto porque comeu polvo e quando foram a tirar o feto, era um bicho que estava lá dentro “

(Grávida de 26 anos, 2ª gravidez)

Numa situação de aborto, nos primeiros meses de gravidez, para quem tem pouca informação sobre o desenvolvimento do feto é natural que diga que *“teve um bicho “*. Outra situação é a que se relaciona com a mola hidatiforme: o seu aspecto quando expelida, pode associar-se facilmente ao aspecto do polvo com as suas ventosas.

Na zona de Serpa encontra-se a crença de que com a criança se geram bichos, que saem na ocasião do parto e que convém destruir bebendo muita aguardente. É provável que este facto tenha a ver com a prática popular das zonas rurais que é o *“matar o bicho”*, traduzido pela ingestão de aguardente em jejum.

Encontram-se ainda crenças de que comer qualquer coisa com caroço faz aparecer manchas no bebé.

Relativas ao uso ou contacto com objectos

A crença mais vulgar é a que qualquer objecto de metal em contacto com a barriga da grávida, dentro dos bolsos ou fazendo parte do vestuário ou adereços, provoca manchas no bebé. O uso de fios ou colares ao pescoço faz com que o bebé nasça com o cordão umbilical amarrado a pescoço. Isto concretiza a ideia já muito antiga de que tudo o que a mãe faz ao seu corpo é susceptível de influenciar o bebé.

Relativas a plantas

Diz-se que, trazer uma rosa ou uma folha no bolso provoca o aparecimento de manchas, que apanhar rosas faz nascer cravos (verrugas) e que cheirar rosas faz o bebé nascer com uma flor marcada no corpo (hemangioma plano) e que dá azar.

Relativas a rituais

Verbaliza-se que a grávida não deve estar próximo de mortos ou entrar num cemitério, pratica protectora dos aspectos emocionais da grávida respeitada por diversas civilizações (BARBAUT 1991).

Outra crença é a que refere, se, se deixar roupa do enxoval do bebé estendida durante a noite, ele apanha a *“lua”*, que significa ficar com o humor alterado, desaparecendo estas manifestações só após o baptismo.

CONCLUSÃO

Após a exposição de algumas ideologias míticas que nos acompanham desde o princípio dos séculos com Eva e Maria, até às vivências mais actuais da mulher comum, podemos afirmar que os mitos fazem parte integrante de todas as sociedades. Deles emergem as culturas, as formas de viver e de pensar, que levam a praticas sócias aceites e reconhecidas por todos os elementos dessa mesma sociedade (ritos).

No entanto, não queremos deixar de referir que apesar da universalidade da presença do mito ele não é em si universal, pois o que é aceite para uns, pode não ser aceite para outros. Temos como exemplo perfeito a pratica religiosa mundial tão diversificada, assim como as diversas interpretações que são feitas por cada seita ou religião aos escritos de há muitos séculos.

BIBLIOGRAFIA

- AMÂNCIO, Lúcia – **Masculino e Feminino: a construção social da diferença** – Porto, Afrontamento, 1994.
- BAL, Mieke ; LETHAL, Love - **Feminist Literary Readings on Biblical Love Stories** - (trad. Femmes Imaginaires). Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 1987.
- BARTHES, Roland – **Mitologias** - Lisboa : Edições 70, 1984.
- BERGER, John - **Modos de ver** - Lisboa : Edições 70, 1985.
- CHVALUMEAN, Jean-Luc – **As teorias da Arte** - Lisboa : Piaget, 1997.
- COUTO, António de Jesus – **Crenças e Representações da Gravidez na Educação para a Saúde** – Lisboa: 1994, Dissertação de Mestrado – **Ciência da Pedagogia da Saúde**.
- FOUCAULT, Michel. - **A ordem do discurso** – São Paulo: Loyola, 1996.
- GOFFMAN, Erving - **A ritualização da feminilidade** - In Os momentos e os seus Homens - Lisboa : Relógio d' Água, 1975. 154 - 189.
- FOUCAULT, Michel - **Discipline and Punish : The birth of the prison** - New York : Pantheon Books, 1975.
- MAGONET, Jonathan - **The themes of Génesis 2 - 3** - In MORRIS, Paul; SAWYER, Deborah Long - **Awalk in the Garden, Biblical, Ironographical an Literary Images of Eden** - Journal for the study of the old Testament. Supplement Series 136. Sheffield. 39 - 46, 1992.
- MATOS, Isabel – **Menino ou Menina?** - Pais e Filhos, nº 24/93.
- MENDES, Mário Luís – **Livro de Obstétrica** – Coimbra: Livraria Almedina, 1994.
- ROSENGARTEN, Ruth – **Pontos de Vista: Fotografia e Feminismo no contexto do pós modernismo** – Revista Comunicação e Linguagem. 6:7 (1988) 213 - 225.
- TOLDY, Teresa Martinho – **As mulheres na Igreja Católica: luzes e sombras ao longo da história** – Revista Theologica. Braga. II Série, Vol. XXXII, Fasc.2 (1997) 219 – 245.
- TOLDY, Teresa Martinho – **Deus e a palavra de deus na teologia feminista** – Lisboa: Ed. Paulinas, 1998.
- http://pages.madinfo.pt/filosofia/textos/def_mito.html
- http://soft.eng.br/ConhecerDeus/cap28-a-virgem_maria.htm
- http://www.cacp.org.br/nasci_virginal.htm